

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Cidália Gonçalves Barata Lopes

registada em 2009-02-11
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

Cidália Gonçalves Barata Lopes

Cidália Gonçalves Barata Lopes, nascida na Mourísia, no dia 27 de Novembro de 1957. Os pais, actualmente reformados, chamam-se Maria da Conceição dos Santos e Francisco Barata. O governo da casa era da agricultura e dos animais que criavam. Enquanto a mãe ficou na aldeia a tratar da lida da casa e da agricultura, o pai de Cidália trabalhou fora, em carpintaria. Da infância, com os seus cinco irmãos, recorda as orações após as refeições, as brincadeiras e a ajuda que davam no trabalho do campo. “Toda a gente trabalhava e colaborava em tudo.” Quando chegou a idade de ir para a escola, a escola da Mourísia fechou e foi obrigada a ir para o Sobral Gordo. Mas foi com o pai que aprendeu a fazer os números e as letras. Boa aluna, desde cedo, “a professora não tinha trabalhos” com Cidália. Completou a quarta classe. Depois de oito anos de namoro, casou na capela da padroeira, com o marido que conheceu na terra. Levava um vestido simples, como ela. Nesse ano, nasce a primeira filha e quatro anos passados nasce a segunda e última. Viveu e trabalhou sempre na Mourísia, distribuiu o correio, vendeu sardinha e hoje divide-se entre a ajuda ao marido na carpintaria e o trabalho no campo que é a sua alegria.

Índice

Identificação Cidália Gonçalves Barata Lopes.....	4
Ascendência Maria da Conceição dos Santos e Francisco Barata.....	4
Infância Toda a gente colaborava.....	5
Educação Uma aluna exemplar.....	6
Casamento Dia de Folga.....	7
Descendência "Não perdemos tempo".....	9
Percurso profissional De pequenino é que se torce o pepino.....	10
Lugar Ontem e hoje.....	13
Costumes Festas e trabalho.....	14
Filosofia "A minha alegria está na Mourísia".....	18
Avaliação "Isto é autêntico".....	18

Identificação *Cidália Gonçalves Barata Lopes*



Cidália Lopes (Piódão, 12 de Março de 2006)

Chamo-me Cidália Gonçalves Barata Lopes. Nasci na Mourísia, freguesia de Moura da Serra, concelho de Arganil. A minha data de nascimento é: 27 de Novembro de 1957. A Mourísia primeiro pertencia à freguesia de Pomares. Eu sou como natural da freguesia de Pomares. Está no bilhete de identidade.

Ascendência Maria da Conceição dos Santos e Francisco Barata

Os meus pais chamam-se Maria da Conceição dos Santos, a minha mãe e o pai Francisco Barata. Agora são reformados. Mas a minha mãe foi sempre doméstica, fazia a lida da casa e trabalhava na agricultura. Cultivava de tudo um pouco. Tinham ovelhas, tinham cabras, tinham galinhas, coelhos. Era para gastos de casa. Era o que a gente comia. A gente não ia comprar a lado nenhum. Nós governávamo-nos com o que se criava. Mas na Mourísia tinha mesmo que ser assim. Era a nossa vida. Era assim o nosso sustento. O meu pai, esse já ia para fora. Andou em diversas empresas a trabalhar. Trabalhava na carpintaria das obras.

A casa onde eu nasci era diferente da que eles vivem agora. Quartos eram cinco. A cozinha tinha, chamavam-se, os bancos. Era os bordos à volta da lareira.

A parte mais funda era onde estava a lareira. Tinha os bordos à volta e a gente tinha que subir ali alguns dois ou três degraus ali para cima.

Éramos cinco irmãos. Dávamo-nos bem, quando calhava. Quando não calhava, dávamo-nos mal. Mas normalmente dávamo-nos bem. Antigamente era mais saudável. Depois das refeições fazíamos sempre as nossas orações e depois brincávamos. Brincávamos umas brincadeiras muito saudáveis. Deixam muitas saudades.

Infância Toda a gente colaborava

Brincadeiras de criança não me lembra assim muito. Normalmente a nós não nos deixavam andar pelas ruas. Íamos à escola e quando era aos fins-de-semana estávamos sempre em casa, praticamente. Quando não íamos à escola, íamos para a fazenda. Íamos ao mato, à lenha. Tínhamos que fazer de tudo. Toda a gente trabalhava e colaborava em tudo.

"Cheirinho do pão"

No tempo que eu andava na escola fazíamos muito mais coisas. Como por exemplo, o meu avô, pai do meu pai, com o meu pai e um tio meu, tinham uma taberna. Então, quem é que ia buscar o pão para a taberna, para venderem? Era eu é que ia buscar o pão. Ia buscar lá acima à Seta Cimeira. Mas eu era pequenina ainda. Era um padeiro que vinha do Piódão. Tinha lá uma padaria, fabricava-o lá e depois vinha com um burro vendê-lo por aí aquém. Então ele passava lá em cima na Seta Cimeira e eu ia lá pelo pinhal fora. Havia um caminho que ia direito lá em cima. Quando era no Verão que estava aquele calor, dava-me aquele cheirinho do pão, um saco grande cheio. Eu dava-me aquele cheirinho do pão, aí sabia-me tão bem! Mas não lhe podia tocar. Eu não podia tocar no pão. Apetecia-me comê-lo, mas eu não o comia. Chegava a casa, mas não me davam nada. Não se comia pão. Não se comia trigo. Era assim.

O jumento

Uma vez, passaram por a Mourísia uns ciganos. Antigamente vinham à Mourísia muita vez. Apareceram e traziam lá um burrito. Chamavam os jumentos. Então, acho que pediram ao meu pai para lho comprarem. Precisavam do dinheiro e pediram para ele o comprar e ele comprou-o. A gente adorava aquilo. Eu mais os meus irmãos, aquilo era uma alegria. Nós íamos-lhe levar a

água. Nós brincávamos com ele. Adorávamos o raio do burrozito. Mas depois o burro morreu. Foi uma tristeza para nós. Estávamos tão habituados com ele. A gente fazia-lhe tudo e mais alguma coisa. Ele era muito mansinho.

Educação *Uma aluna exemplar*

"Já sabia fazer o meu nome"

Normalmente, no nosso tempo, aos 8 anos é que nós entrávamos para a escola. Mas acontece que, um ano antes, quando eu era para entrar, fechou a escola na Mourísia. Então obrigaram-nos a ir para o Sobral Gordo. Mas depois, os meus pais e os outros pais dos outros alunos da terra, não queriam que nós fôssemos para lá que era para ver se escola aqui se mantinha. Mas nunca mais voltámos a ter escola. Então, como a gente não teve outra solução, tivéramos que ir mesmo para o Sobral Gordo.

Mas eu não perdi esse ano. O meu pai fazia o favor de todos os dias à noite me passar, escrever os números numa folhinha, numa lousazinha. Na lousa e na folha. Passava-me os números, passava-me as letras e ensinava-me a fazer tudo isso. Como eu esse ano já não fui, só entrei ao outro ano. Então, quando foi ao outro ano, eu fui para escola já sabia fazer o meu nome. Já conhecia as letras todas. Praticamente já começava a construir as frases. Já sabia praticamente ler e escrever. Cheguei lá foi fácil, claro. À comparação de agora, eu já levava o que é agora o infantário. Eu não perdi. Fiquei esse ano em casa que devia de ir, mas eu não o perdi. Avancei. Eu a partir dali nunca tive problemas. A professora não tinha trabalhos nenhuns comigo.

Antigamente era diferente do que são agora os ensinamentos na escola. A professora ditava. Estava na secretária à nossa frente, ditávamo-nos os ditados e a gente estava nas secretárias a escrever. Então, conforme ela ditava, por exemplo, à terceira, à quarta classe, o que é que eu fazia? Ela mandava-me fazer os trabalhos e o que ela mandava fazer eu fazia aquilo rápido. Andava na segunda classe. Então, em vez de eu estar a olhar, conforme ela estava a ditar os ditados para a terceira, para a quarta classe eu punha-me a fazer como se fosse da terceira, da quarta classe. O que é que acontecia? No final, os alunos iam lá entregar os ditados para a professora ler e eu ia entregar também o meu. Tal e qual. A maior parte das vezes, eu dava muito menos erros do que davam os que andavam na terceira e na quarta classe. A professora adorava-me, gostava de mim. Até porque a partir daí, ela às vezes vinha à Mourísia. Ela alegrava-se comigo. Era uma maravilha.

"Coisas que nunca esquece"

Ela gostava tanto de mim que era assim: nós éramos pobres, tínhamos os básicos, mas não éramos abonados. Então o que era o nosso calçado? Eram uns tamancos. O meu pai aproveitava os cabedais do calçado, das botas e dos sapatos. Quando eles estragavam a sola, ele aproveitava os cabedais e metia-lhes uns paus. Fazia os paus e pregava-os. Então fazia-me uns tamancos. Era o calçado que a gente levava para a escola. Depois com aqueles tamancões, eu chegava à escola, os pés iam alagados em sangue. Eu ao andar batia com os tamancos nos calcanhares, nos artelhos e feria-me. Chegava lá, a professora tinha dó de mim, o que é que ela fazia? Tinha dois filhos e então ia buscar umas sandálias dos filhos e dava-me as sandálias com o dó de mim. Pronto, lá vinha eu toda contente com as sandálias calçadas. Enquanto elas duravam, tudo bem. Elas acabando lá tinha eu que calçar outra vez os tamancos. São coisas que nunca esquecem.

Escola para outras pessoas

A terceira e a quarta classe já fiz na Moura. Portanto, no Sobral Gordo, era daqui da Mourísia, do Espinho, do Sobral Magro e lá do Sobral Gordo. Na Moura andávamos: era das Casarias, da Relva Velha, dos Parrozelos e daqui da Mourísia. Eu fiz a quarta classe. Era o que havia. Já havia mais, mas isso era para outras pessoas. Era para pessoas já mais avançadas, com mais posses. A gente tinha que se ficar por ali. O exame da primeira, segunda e da terceira classe fazíamos em Pomares. O exame da quarta classe já foi em Arganil.

Casamento *Dia de Folga*

Conheci o meu marido cá na terra, na Mourísia. Nós somos da mesma terra. Começámos a conviver. Não sei se ele falou com os meus pais se não falou. Eu pelo menos não ouvi nada.

Casámos cá na capela da terra, da padroeira, a Senhora da Assunção. Foi a 3 de Janeiro de 1981.



Cidália e Virgílio Lopes (Mourísia, 1977)

O vestido comprei em Arganil. Mas comprou a minha madrinha. Hoje já não sei se se usa, se não usa. Mas no meu tempo era a madrinha que comprava o vestido. Eu é que comprei porque os meus padrinhos estavam em Lisboa, só vieram ao casamento. Então, eu é que escolhi tudo à minha maneira e depois, eu nem queria, mas a minha madrinha exigiu-me que eu lhe entregasse a conta e ela é que pagou. O vestido era simples. Era simples como eu. Branco, véu não tinha. As flores ainda as tenho secas, eram naturais. Eu comprei um ramo artificial. Mas depois a minha madrinha trouxe-me um natural. Era uma orquídea e eu deixei secar essa orquídea. Ainda a tenho. Foi o meu ramo. O resto era tudo à conta dos pais. Pois se a gente se criou, nós tínhamos que trabalhar sempre em casa, no campo. Tínhamos que trabalhar sempre até nos casarmos. Eles tinham obrigação. Era assim. Eles governavam-nos, depois é que nos faziam tudo. E foi assim. Depois tudo que nos davam, as prendas, isso tudo já era para nós. Deram a nós, foi para nós. Mas as despesas, os pais é que pagaram tudo.

Os preparativos, tudo o que fizemos, fizemos em casa. Fizeram os meus pais, fizeram os pais dele. Comprámos alguma coisa que era preciso, mas basicamente era do que tínhamos. Os ingredientes para o banquete era tudo criado. Portanto, era o que se usava nas bodas. Era chanfana, tigelada, o arroz-doce. Comprávamos mais algumas coisas, claro, alguns bolos. Praticamente foi o que se comprou. Também não havia grandes posses. O resto foi tudo do que a gente criou. Éramos eu e a minha família. Ajudei a cozinhar tudo. Só no dia do casamento é que estava de folga.

Descendência "Não perdemos tempo"

Os filhos vieram logo no ano do casamento. Nós casámos em Janeiro e a filha mais velha nasceu logo em 23 de Outubro. Não perdemos tempo. Já tínhamos perdido muito tempo antes. Nós namorámos alguns oito anos. Namorámos primeiro, depois já estava tudo organizado, tudo orientado, foi logo. Passado quatro anos tive a segunda e a última. Não tive mais. Não calhou. Também não fiz por isso. Tive-as na Maternidade Daniel de Matos, em Coimbra. Graças a Deus nunca quis ter filhos em casa.

O fim justifica os meios

Quando foi da primeira, eu não sabia, tive uma ruptura no saco das águas e eu fiquei logo assustada. Ter que ir daqui para Coimbra e ver-me já nestes pontos, eu fiquei assustada. Pus-me logo a caminho. Fui pedir ao meu pai, que sabia conduzir, tinha carro e ele levou-me logo directamente lá. Lá fomos nós com aquela pressa toda. O que é que aconteceu? Só no fim de três dias é que ela nasceu. Tive que lá estar três dias na maternidade. Eu estava desanimada. Depois no final eu queria-me vir embora. Elas não me deixavam vir. Exigiam que eu usasse cinta. Quando o meu marido lá me foi ver, pedi-lhe para ele me dar o dinheiro. Eu não tinha lá dinheiro. Então, pedi-lhe para ele lá me deixar o dinheiro para levar uma cinta. Eu mandava lá as senhoras comprar. Mas qual era a minha ideia? Não era para comprar a cinta, era para eu apanhar o dinheiro para me vir embora. Porque elas não me deixavam vir embora, nem queriam que eu dissesse ao meu marido para lá ir buscar-me. Então eu queria era safar-me de lá para fora. Pensava eu que me safava assim de qualquer maneira. Lá tive que estar o tempo, os três dias. Estive lá alguns cinco dias depois de a ter. Por isso é que eu estava saturada. Eu queria era apanhar dinheiro para me vir embora. Só que elas não me deixaram vir enquanto o meu marido não me fosse buscar.

Consulta de rotina

A primeira vez que tive que ir ao médico, com a mais velha, tinha ela 3 meses. Tinha a consulta marcada na Moura. Vinha lá o médico acho que era uma vez por semana. Tinha lá consulta marcada, estava a nevar, eu tinha que ir claro. Era consulta de rotina tive que ir. Eu com ela às cavalitas, com as coisas

nos braços, que era preciso, a segurar o chapéu. Fui e vim a nevar. Um frio! Eu a agasalhar, a segurar bem. Esse dia nunca me esquece. Tive que ir, sozinha. O meu marido não foi lá ajudar.

Eu tinha cabras e as minhas filhas ajudavam a guardar as cabras. Ajudavam a fazer tudo. Elas tinham que trabalhar também. Elas andavam de pequeninas a guardar o gado. Chegou o tempo da escola, iam para a escola. A escola primária fizeram toda na Moura. Depois, do quinto ao nono fizeram em Côja. Do nono ao 12º em Arganil.

Percurso profissional *De pequenino é que se torce o pepino*



Cidália Lopes (1977)

Trabalho de gaiatos

Ainda andava na escola, ia fazer o correio. Eu fazia poucas vezes. Como era das mais novas, tinha dois irmãos mais velhos, esses é que praticamente faziam. Eu fazia lá uma vez por entre outra. De manhã saíamos da Mourísia e íamos ao Sobral Gordo. Depois, havia um caminho directo ao Sobral Magro, íamos buscar o correio ao Sobral Magro. Íamos lá buscar o correio, vínhamos pelo Soito da Ruiva. Deixávamos lá o correio para o Soito da Ruiva. Trazíamos para a Mourísia e íamos levar ao Sobral Gordo. Chegávamos lá ao Sobral Gordo, abriam as malas. Antigamente eram umas malas. Vinham fechadas com um cadeado. Chegavam lá abriam, tiravam a correspondência que vinha para lá, para

o dia. Tiravam aquela e metiam a que era para seguir, para enviar novamente. Então, nós pegávamos na mala, chegávamos à Mourísia, tomávamos a mala daqui. Quando era ao meio-dia tínhamos que estar na Mourísia com o correio para entregar no Sobral Gordo. Voltávamos outra vez pelo mesmo caminho. Seguíamos pelo meio das ladeiras por o caminho do castanheiro. Passávamos assim a meio da encosta, direito à estrada para o outro lado. Para ir ao Soito da Ruiva. Chegávamos lá, pegávamos na mala do Soito da Ruiva, direitos ao Sobral Magro levar as malas do correio. Chegávamos lá deixávamos logo as malas. Vínhamos embora outra vez pelo mesmo caminho. Ao outro dia continuava a mesma coisa.

Na taberna é que era o posto disso tudo. Tinha que ser pago. Mas era pago ali. O ordenado que nos davam a nós, que fazíamos, isso estava entregue ao meu avô e aos meus pais. Mas o ordenado que gente recebia era apenas o nosso sustento. Nós ainda éramos gaiatos. Ainda éramos novitos.

A sardinheira

Eu ainda vendi sardinha. Vinha um senhor à Mourísia trazer e nós íamos vender. Praticamente também andávamos na escola. Com 13, 14, 15 anos, para aí. A minha mãe é que tomou o negócio, à sociedade com mais outra senhora. Então íamos nós. Eu, os meus irmãos e os filhos dessa senhora com quem a minha mãe tinha tomado a sociedade. Nós íamos com a caixa à cabeça por aí. Eu ia ao Sobral Gordo. Atravessávamos a encosta para o outro lado, íamos ao Soito da Ruiva. Um dia ficámos lá no Soito da Ruiva, outro dia fôramos ao Tojo. É uma terra a seguir. Depois é que viemos para a Mourísia. E assim andávamos. Eu andava pelas portas. Antigamente a gente não chamava. O nosso chamamento era bater às portas.

Antigamente era tudo ao quilo. Também se vendia à dúzia. Porque antigamente, quando a sardinha era grande, regulava uma dúzia quase pelo quilo. Quando eram aqueles chicharos grandes, os carapaus grandes, normalmente vendíamos ao par. 25 tostões cada dois. Também se vendia ao quilo, mas normalmente era assim. A gente vendia a olho, não levávamos balança, para não andarmos com aquele peso ainda em cima das caixas do peixe. Tínhamos que trazer tudo à cabeça. Para não andarmos com mais peso era assim.

Antigamente as sardinhas não vinham com gelo. Era tudo com sal. Às vezes sobravam, porque havia vezes que a gente não vendia o peixe todo, o que é que a gente fazíamos? Lavávamos o peixe e salgávamo-lo bem e púnhamo-lo a secar. Espetávamos o arame nos olhos do peixe. Fazíamos tipo uma corda e púnhamos a secar por cima do fogão. Depois comíamos aquele peixe seco. Aquilo era bom.

"Empregada para todo o serviço"

Depois, a nossa vida era pela Mourísia. Nunca saí daqui. Foi sempre na agricultura com os meus pais.

Quando nos casámos o meu marido arranjou a oficina de carpintaria. Como ele esteve fora e depois voltou, quando nos casámos arranjou a oficina e começou a trabalhar na oficina. Mais tarde entendeu que havia de arranjar empregados, mas só engraçou com a empregada que tinha em casa. Como é que se diz: é empregada para todo o serviço. Desde trabalhar com as máquinas, a trabalhar à mão. De tudo um pouco. Eu gosto. Eu sou aventureira. Só me custou no aspecto de ter que estar ali fechada. E depois eu tinha que fazer o trabalho do campo, e sabia o que tinha lá para fazer. Eu gostava de estar ali, mas a minha maior alegria, porque foi onde eu nasci e foi praticamente onde eu comecei a trabalhar, eu gostava de me ver era na fazenda, no campo. A gente na fazenda, anda, quando está bom é mais saudável, alegre. Apanhamos o ar. Enquanto que na oficina temos que estar fechados. Era a coisa que me custava mais era isso. Tanto que eu estava ali mas a minha ideia estava lá no campo. De vez em quando, safava-me. Assim que me parecia, deixava as coisinhas que estava a fazer.

Ele queria que eu estivesse lá sempre. Só que eu estava ali, mas eu sentia-me bem era lá fora, na rua. Porque foi onde eu fui criada.

Eu tinha uma grande cabrada. Primeiro tinha mais mas depois acabei. No final tinha apenas duas cabras e duas cabritinhas mais pequenas. Eram boas e tive pena de acabar com elas por causa da oficina. De me dedicar à oficina para ajudar o meu marido. Ele precisava ali de mim. Porque ele estava sozinho e eu, não era rentável andar ali só com as cabras. Então tive que optar. Era na oficina que eu me governava, não era com as cabras. Apesar das cabras, para mim, serem a minha alegria. Só que eu não conseguia vencer, tratar das cabras e trabalhar na oficina.

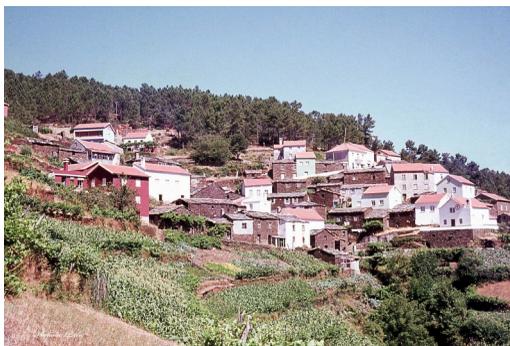
Hoje continuo na agricultura e nos intervalos, nas horas vagas, sou ajudante de carpinteiro.

Lugar *Ontem e hoje*

"A diferença hoje na Mourísia é a água e a luz"

As pessoas foram saindo para fora da Mourísia para o estrangeiro, , ou Lisboa, ou Coimbra. Iam para as cidades, onde tinham mais postos para ganhar. Para se governarem melhor, para terem outras condições de vida que na Mourísia não tinham. Apesar desta ser mais saudável, não era rentável como irem para fora.

A diferença hoje na Mourísia é a água e a luz. A luz foi cá posta o ano antes que nos casámos, para aí. Aqui também não havia água. Tínhamos que ir buscá-la à fonte, com uns cântaros. Só temos a fonte que é a principal. Agora já há outra do abastecimento de água à povoação. Mas a fonte antiga, foi, continua a ser e será sempre. Quando é no Verão, mesmo de Inverno, as pessoas que saem daqui, que emigram, quando cá voltam eles não bebem de outra água. Eles vão sempre buscar a água a essa fonte antiga. Quando é no Inverno a água é morna, é morninha, é maciinha, quando é no Verão é fresquinha. Por isso é que vão lá sempre buscar a água. É verdade. Essa fonte fica mesmo ao fundo do povo. O resto acho que é tudo mais ou menos. Todos os que podem cultivam.



Mourísia



Cidália Lopes (Mourísia, Junho de 2005)

Costumes *Festas e trabalho*

"Não havia mais nada para ninguém"

Cultivávamos tudo. Milho, batata, cebolas. De tudo, para gastos de casa. O milho era para nós comermos. Antigamente era só broa. Cozia-se fornadas e fornadas. Gastava-se muitos cereais, muito milho. Cultivava-se centeio. As encostas todas davam centeio. Então o centeio com o milho, fazíamos a broa. Depois criávamos os porcos, que era o sustento da casa, o conduto. Tínhamos as batatas, o feijão, era assim o nosso sustento. Não tínhamos mais nada. Não havia mais nada para ninguém.

Já fiz muita vez queijo na minha casa. Quando estava em casa dos meus pais não fazia. Porque não era preciso. A minha mãe fazia. Mas em minha casa já fiz. Já tive ovelhas, já tive cabras. Então tinha leite, fazia queijo. De manhã íamos tratar dos animais, tirávamos leite, metíamos-lhes a comida. Quando era ao meio-dia tornávamos a tirar porque diziam que os animais não se estragavam tanto e que davam mais leite. Se a gente tirasse mais vezes, davam mais quantidade e não se estragavam.



Broa

Depois chegava-se a casa, púnhamos o leite a amornar. Se ele vinha anda morno fazia-se logo. Punha-se a coalhar. Portanto, metia-se-lhe o cardo. Há quem faça com o coalho, mas eu normalmente era sempre com cardo que é a flor de uma planta que temos cá na Mourísia. Então metia-se-lhe o cardo, mexia-se e punha-se a coalhar. No fim de estar a coalhada feita, punha-se num acincho e calcava-se, espremia-se. No final punha-se-lhe o sal e deixava-se. Punha-se na queijeira a secar. Quando era preciso comia-se fresco. Se não era preciso, púnhamos a secar, guardava-se. Podia-se guardar até um ano e ia-se comendo seco.

"Tenho saudades"

Os moinhos era pela ribeira abaixo. O nosso era chegado ao fundeiro. Lá mesmo no fundo lá da ribeira. Eu é que lá ia. Primeiro comecei a ir com o meu avô, depois com os meus pais. Eles ensinaram-me e eu gostava. Eu é que ia sempre lá pôr o milho a moer no moinho. Muito giro. Tenho saudades, adorava. Levávamos o milho num sarrão. Chamávamos sarrão, que era feito da pele das cabras. Tiravam a pele às cabras, inteira. Depois aquela pele era tratada e então era onde a gente levava o milho para ir moer e trazer a farinha. Levávamos o milho, chegávamos lá, púnhamos no moinho.

Onde metemos o milho é a moega. Primeiro metíamos o pojadoiro, que é o que vai controlar o moinho. É o que vai depois parar o moinho no fim de ele acabar de moer o milho. Portanto, aquilo é uma moega alta, a apertar para o fundo. No fundo tem só um buraquinho. Aquilo é uma tabuazinha com um furozinho no meio. A tábua é à medida do buraco da moega. Tem um buraquinho

no meio, então depois tem uma tabuazinha que assenta lá no fundo, só com um buraquinho no meio que é para o milho passar por ali para ir para a mó para moer. Então aquilo, temos que assentar aquela tabuazinha que fica presa a um barço, um fio. Assenta-se a tabuazinha lá no fundo, esse fio passa numa rodazinha. Vai directa lá abaixo, lá ao fundo do rodízio que é o que faz rodar a mó para moer o milho. É um rodízio, com umas rodas mas são umas penas de volta, redondo. Então fica ao cimo. A tábua fica lá assente no buraquinho e o milho depois vai saindo por ali para cair para a mó. Com o peso do milho a tábua fica presa. O milho vai passando por ali para ir moer, quando acaba o milho aquilo falta-lhe o peso e corre para cima. Vem para cima porque está puxado em baixo, com o peso em baixo, numa tábua grande. Quando o milho acaba, aquilo salta e a tábua cai de cima do rodízio. A tábua cai, tapa a água que vem da corrente da ribeira, a água começa a cair em cima da tábua e deixa de cair em cima do rodízio. O rodízio pára, parou o moinho.

Como era longe, nós vamos lá pôr por exemplo, de manhã. Aquilo era um sarrão enorme, leva tempo a moer. Nós não podíamos andar abaixo e acima para ir ver. Então tem que haver esse sistema para que o moinho pare quando o milho acaba, e então assim já estamos mais descansados. Só lá vamos pôr o milho a moer e voltamos lá depois buscar já farinha. Assim só lá vamos duas vezes, em vez de lá andar abaixo e acima. Só lá vamos quando podemos, quando entendemos. Temos mais ou menos aquele cálculo que aquilo já está moído, vamos lá, trazemos logo a farinha. Depois aquilo tem uma arte funda, para onde cai a farinha. A farinha está ali, nós voltemos a apanhar a farinha para o sarrão e trazemos para fazer a broa. Esse moinho acho que ainda está quase bom para andar, mas assim pronto para andar não está. É pena. Agora, o meu pai por exemplo, e muitos aí já têm aqueles moinhos a electricidade. Temo-los em casa. Aliás, agora a gente já lá não vai moer. Mas eu por acaso gostava mais. Dizem e é, o milho moído num moinho a água é muito mais saborosa a broa, e aguenta-se mais tempo, que o milho que é moído nestes moinhos eléctricos. Essa é uma diferença. E é melhor.

"As calças do meu pai"

Na casa antiga dos meus pais, que agora já não existe era assim: o forno estava mesmo encostadinho à cozinha. Só estava uma paredinha no meio. Então, fizeram-lhe um janelinho. A minha mãe amassava a broa nos balcões da cozinha e punha ali a gamela. Amassava a broa e ali mantinha-se a gamela. Porque ela estando finta, e o forno está quente, temos que pegar na gamela e ir levá-la, para metermos para o forno. A gente ali não era preciso. A minha mãe punha ali a

gamela, amassava a broa, ali se fintava. Ela estando finta, eles tinham aquele janelinho, estava o meu pai ou quem tinha aquecido o forno, punham a pá ali na beira do janelinho, e a minha mãe estava na cozinha ao pé da gamela. Tendia a broa, metia-a lá na pá. Não era preciso andar com mais preocupações, com a gamela às costas e não sei que mais. Estava ali mesmo tudo ao pé, maravilha.

A gente vinha com a farinha. A minha mãe colocava a farinha, o fermento e amassava-a. É com água meia quente, meia fria. Convinha ser mais quente que fria. Porque se a água ficasse fria ou praticamente fria, a broa levava muito mais tempo a levedar e muitas vezes nem chegava a levedar. Depois deixava-se fintar. Tinha aí à volta de duas horas a fintar. Entretanto ia-se aquecendo o forno. Ele estando quente metia-se lá a broa.

Quando não fintava, o que é que a minha mãe tinha que ir fazer? Ia buscar as calças do meu pai e dizia que depois já se fintava melhor. Ia lá colocar as calças do meu pai de cima da roupa, para ela se fintar rápido. Estendia as calças do meu pai de cima da roupa. Tínhamos que tapar a massa com muita roupa. Quanto mais roupa lhe metêssemos melhor porque o calor com o fermento é que faz fintar. Se a massa arrefecer já não leveda tão bem. Antigamente tinham assim estes costumes, mas batiam certo, essa é que é uma verdade.

O Castanheiro da Memória

O Castanheiro da Memória dizem que é um castanheiro histórico. Eu por acaso gosto muito de lá ir. Eu sou daqui, mas adoro. Gosto muito de ver. Aquilo parece mesmo uma casa, só que está toda queimada por dentro. Dizem que foi um senhor que ia a passar e que atirou para lá com um cigarro. Muitos dizem que foi isso. Então, que aquilo começou a arder e ardeu aquilo tudo por dentro. Portanto, é tudo amplo. Tem uns buracos grandes, dá a impressão que são as janelas. A abertura maior é a porta. É giro. Assim como os moinhos, aquilo é uma relíquia. É mesmo uma relíquia.

"Festa total"

As festas eram animadas. Vinham os conjuntos, vinha um rancho. Era uma alegria. É sempre o terceiro domingo de Agosto. Que eu me lembre foi sempre e continua a ser. Era dia de descanso, dia de festa. Era festa total. Uma festa sem missa acho que não é festa. Isso é o principal. Começa pela missa e depois, antigamente todos os anos era procissão, mas agora acho que já não tem havido procissão. Enfeitavam-se as ruas. Antigamente enfeitavam mais era no largo,

onde faziam a festa. Agora enfeitam as ruas e a capela, ainda há poucos anos começaram a fazer isso.

Temos a capela maior é a capela da Nossa Senhora da Assunção e temos a pequenina, chamam a capelinha do Santo António.

Filosofia "*A minha alegria está na Mourísia*"

Na Mourísia nasci, criei-me, casei-me e aqui continuo. Eu se saísse daqui para fora, que dissessem assim:

- "Vais morar para um sítio qualquer..."

Parece-me de mim que eu não conseguia. Eu só desejei sair da Mourísia quando as minhas filhas andavam a estudar em Côja, em Arganil. No Verão tudo bem, mas quando era de Inverno, no tempo da neve... Muitas vezes, de manhã não nevava, mas depois delas irem começava a nevar. À noite quando elas vinham, era uma nevada. Tudo tapado de neve. Não vinha cá a carreira, elas sozinhas não vinham. A camioneta ainda vinha à Moura. Uma vez, tínhamos carro, levamos até lá ao alto, depois de lá para baixo fomos a pé. Lá fomos à Moura buscá-las, para cá a pé. Chegámos lá acima a carrinha estava tapada de neve. De lá para baixo já viemos mais ou menos, mas depois a partir daí houve muitas vezes a nevar. Outras vezes perdiam a camioneta. Tínhamos que as ir levar à camioneta já quase a Côja. Era assim. Uns sacrifícios com elas. Depois elas saíam às sete da manhã, chegavam a casa às sete da noite. Elas chegavam cansadas. Já não tinham tempo para estudar. Vinham cansadas adormeciam logo. Então quando traziam os trabalhos com força para fazer, eu tinha um dó delas. Então só desejava ir lá para baixo, para o pé lá das escolas para elas estarem ao pé da escola, para facilitar a elas. E quando era para ir ao médico e isso, assim é que eu desejava. A partir daí a minha alegria está aqui na Mourísia. É aqui e não me apetece sair daqui. Não gosto de sair daqui.

Avaliação "*Isto é autêntico*"

Eu acho que este projecto é bom. É útil para que um dia, os que vierem atrás de nós saibam o que nós passámos, o que nós vivemos, o que foi a terra e o que é. As minhas filhas sabem, que ainda passaram cá até prosseguirem os estudos. Criaram-se cá. Passaram por tudo. Mas por exemplo, os que vierem atrás, se a gente lhe for contar o que passou, elas dizem:

- "Vocês são malucos. Isso não se passou, isso não era assim."

Mas é autêntico. Isto é autêntico. É para que mais pessoas conheçam, gostem. Eu sei que há muitas pessoas que não gostam, mas há pessoas que adoram. Que gostem, que conheçam e que meditam. Vejam e apreciem o que é a natureza, o que é de belo. Isto é a coisa mais bela. O mais puro que há. No meu ver acho que é o que há de mais puro.